



Jayme Pamponet de Cerqueira Filho

No centro do país, uma cidade de oportunidades

Arquivo Público



BIANCA CHIAVICATTI

ESPECIAL PARA O CORREIO

O maranhense Jayme Pamponet de Cerqueira Filho, 63 anos, não fez planos de mudar-se para o Distrito Federal. Mas fazia questão de ler as reportagens que saíam sobre a nova capital e quando via as fotografias da cidade nas revistas da época ficava impressionado. “Achava tudo muito bonito e diferente”, conta.

Em 1962, a irmã, Dionei, foi admitida em um concurso do Tribunal de Contas de União e veio para a cidade. Alguns meses depois, em novembro do mesmo ano, os pais recomendaram que Jayme acompanhasse a irmã e também se mudasse para a nova capital. A primeira visita, antes da vinda definitiva, aconteceu em julho, mês em que a temperatura na cidade atingia facilmente os três graus.

A viagem deixou boas impressões. “A cidade era inacreditável, parecia com o planeta Marte do filme de *Flash Gordon* que eu tinha visto no cinema”, recorda. “Meus amigos achavam loucura deixar o Rio de Janeiro, onde eu morava em Ipanema, para me aventurar no Planalto Central”, conta. Mas não havia escolha e a mudança foi concretizada.

Asa Norte

O apartamento da irmã ficava na quadra 403 Norte, uma das poucas construídas neste lado

do Eixo Rodoviário (403, 404, 405 e 406). Embora a Asa Sul também não estivesse concluída ainda, a Asa Norte era um verdadeiro matagal. Além de algumas quadras residenciais, havia estabelecimentos comerciais em construções de madeira montados na W3 e mais nada.

O único mercado disponível na região, do Serviço de Abastecimento de Brasília (SAB), ficava na 406 Norte e também fazia as vezes de posto telefônico. “Não tínhamos telefone em casa e o único orelhão das redondezas ficava lá”, diz.

No Rio de Janeiro, Jayme tra-

balhava no Instituto de Previdência e Assistência dos Servidores do Estado (Ipase). Como o número de funcionários públicos interessados em mudar-se para Brasília, mesmo depois de inaugurada, ainda era pequeno, não foi difícil conseguir a transferência.

A diferença salarial era absurda. Enquanto na capital carioca o pioneiro ganhava um salário mínimo — cerca de 6 mil cruzeiros na época —, aqui receberia muito mais que o triplo.

A qualidade de vida também melhoraria. No Rio, a maioria dos funcionários era acostumada

a aumentar os ganhos salariais trabalhando cerca de quatro horas diárias a mais que o normal. “Fazíamos isto principalmente nos meses de dezembro, janeiro e fevereiro”, recorda. Aqui, não seria preciso aumentar a jornada de trabalho porque além de todos serem melhores pagos ainda ganhavam a dobradinha — salário em dobro concedido aos funcionários como incentivo para mudarem-se para a nova capital.

Asa Sul

O prédio do Ipase ficava no Setor de Autarquias Sul, que além

JAYME MOROU COM OS PAIS NA 208 SUL, EM UM APARTAMENTO CONSEGUIDO PELO IPASE, ÓRGÃO EM QUE TRABALHAVA

deste prédio tinha no máximo mais dois edifícios. A avenida L2 Sul já estava asfaltada, mas o movimento de carros era raro. A Asa Sul já tinha várias quadras prontas, mas a única completa, no modelo imaginado por Lucio Costa era a 114 Sul.

Os pais sugeriram que o pioneiro viesse para a nova capital acompanhar a irmã, que havia passado em um concurso. Sem muito esforço, conseguiu transferência pelo Ipase

JAYME, A ESPOSA LYS E O FILHO: LEMBRANÇAS DO DIA-A-DIA VIVIDO NA CIDADE

Jayme conta que a quadra foi ponto turístico por algum tempo, pois nenhuma contava ainda com a urbanização e infraestrutura desta. “A quadra já tinha gramado, era arborizada e tinha uma escola classe”, afirma. “Eu sempre levava os familiares que vinham conhecer Brasília até lá”, completa.

No restante da Asa Sul, nem todas as tesourinhas estavam prontas e também não havia ainda as passagens entre as asas Sul e Norte. “Tínhamos que dar a volta, pegar um caminho alternativo, nem me lembro como fazíamos”, conta.

Com poucas opções de lazer, a população se concentrava nos poucos locais de encontro da cidade, como os cinemas Brasília e Cultura, o Brasília Palace Hotel e o restaurante Roma, na W3 Sul. Fora estes programas, Jayme e muito outros moradores do Plano Piloto tinham o costume de ir até as cidades-satélites nos finais de semana. “Íamos muito a uma cachoeira no Gama, a Sobradinho e Taguatinga”, diz. “Também tomávamos banho na barragem do Paranoá”, completa.

Universidade

Brasília não oferecia oportunidades apenas de trabalho, a vida aqui também facilitava o ingresso na universidade. O pioneiro foi um dos beneficiados com a criação da Universidade de Brasília e lamenta que o projeto inovador com o qual ela foi criada tenha sido destruído. “Os professores eram realmente muito bons e o método de ensino diferente”, diz.

Jayme foi admitido na faculdade de Economia no segundo vestibular realizado pela UnB,

em 1963. Ainda não existia o minhocão e as salas de aulas ficavam na Faculdade de Educação, próximo ao Cine Dois Candangos. Quando a universidade foi invadida pelos militares, em 1968, Jayme ainda era aluno, mas não estava no campus durante o acontecimento.

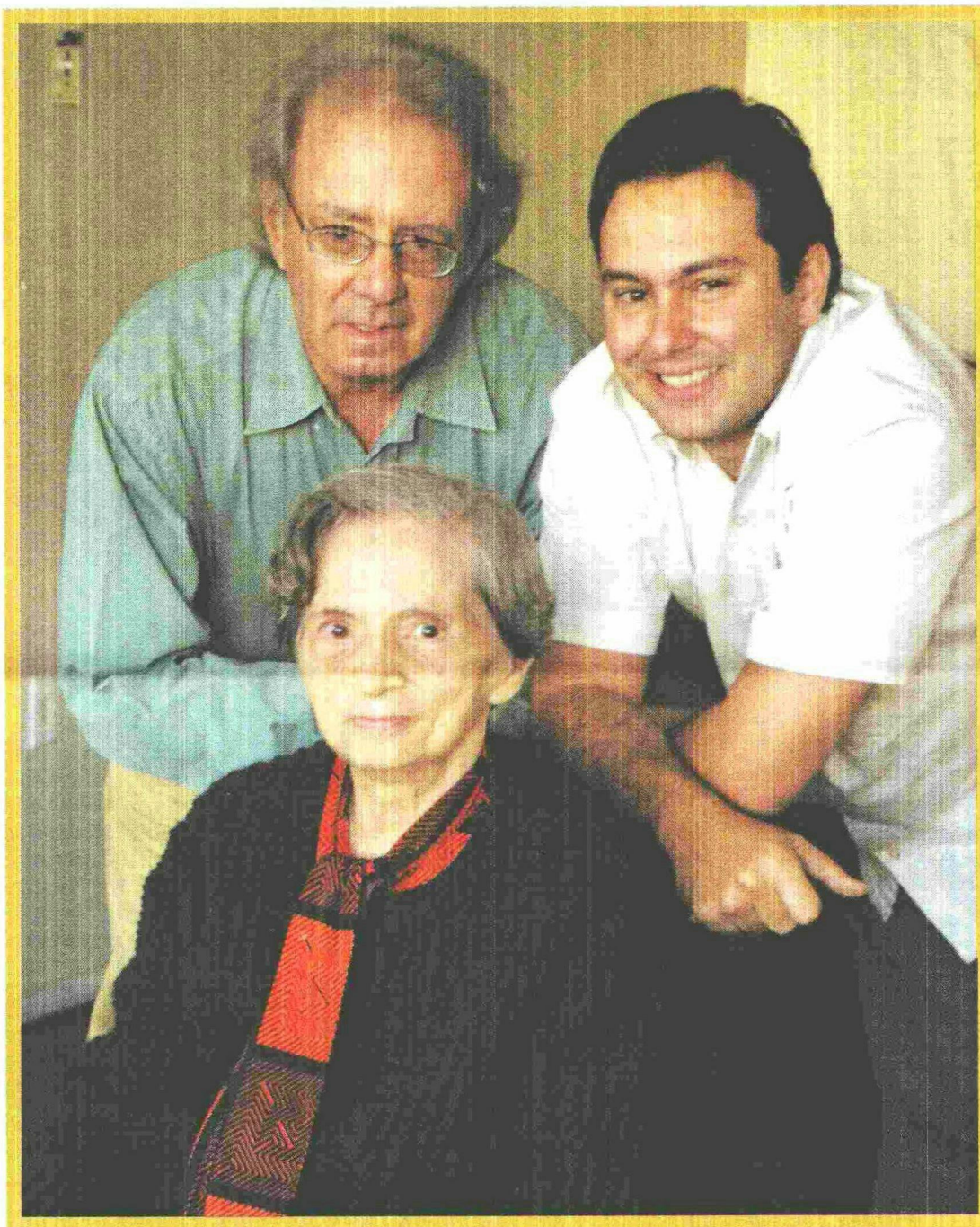
Em agosto de 1964, a carreira no Ipase deu lugar a uma vaga no TCU, por meio de um concurso em que Jayme foi o 31º colocado para o cargo de escrivão. O TCU ficava no bloco

7 da Esplanada dos Ministérios. Nesta época, os pais dele também haviam se mudado para cá e a família vivia em um apartamento na 208 Sul, conseguido no Ipase.

Dos primeiros anos em Brasília, as lembranças de Jayme são de fatos corriqueiros que, para quem morava aqui, se transformavam em verdadeiros acontecimentos. “Festejávamos as primeiras chuvas, em outubro, e bastava ver alguém parado em algum lugar para oferecermos

carona, para onde quer que fosse”, recorda.

Além da amizade e proximidade maior entre as pessoas, o pioneiro sente falta dos poucos anos de igualdade social em que foi possível viver em Brasília. “No início, porteiros, motoristas, funcionários e ministros dividiam o mesmo espaço de convivência, pois todos moravam no Plano Piloto”, diz. “Não havia esta separação geográfica de fundo social que hoje vivemos aqui”, conclui.



“

A CIDADE ERA INACREDITÁVEL, PARECIA COM O PLANETA MARTE DO FILME DE FLASH GORDON QUE EU TINHA VISTO NO CINEMA”

”

Raio X

Nome: Jayme Pamponet de Cerqueira Filho
Idade: 63 anos
Origem: São Luís, Maranhão
Ano de chegada a Brasília: 1962
Profissão: Funcionário público aposentado
Esposa: Lys Pinto Ferraz
Filhos: Jayme Neto e Bruno Ezon